

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE MEDICINA SOCIAL
ESPECIALIZAÇÃO EM SAÚDE PÚBLICA

DALLUNA DO NASCIMENTO FONSECA

**O ATENDIMENTO AO PACIENTE HIV NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

PORTO ALEGRE

2022

DALLUNA DO NASCIMENTO FONSECA

**O ATENDIMENTO AO PACIENTE HIV NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE: UMA
REVISÃO DE LITERATURA**

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Saúde Pública- Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde Pública.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Riva Knauth

PORTO ALEGRE

2022

CIP- Catalogação na Publicação

Fonseca, Dalluna do Nascimento
O ATENDIMENTO AO PACIENTE HIV NA ATENÇÃO PRIMÁRIA À
SAÚDE: UMA REVISÃO DE LITERATURA / Dalluna do
Nascimento Fonseca. -- 2022.
36 f.
Orientadora: Daniela Riva Knauth.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Medicina, Saúde Pública, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Síndrome de Imunodeficiência Adquirida. 2.
Atenção Primária à Saúde. 3. Profissional de Saúde. I.
Knauth, Daniela Riva, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Para que este trabalho fosse desenvolvido, pude contar com a ajuda de diversas pessoas, dentre as quais agradeço:

A Deus, pela minha vida, por ter me concedido força nos momentos difíceis, ter me capacitado dia após dia e me honrado para que eu chegasse até aqui.

Aos meus familiares, em especial aos meus avós Raimundo Fonseca e Marta Fonseca (in memorian) por ter me dado condições para que esta especialização fosse realizada. Aos meus pais, Maria Silvana e Felipe Fonseca (em memorian) por todo sacrifício, apoio e amor incondicional além de nunca medirem esforços em prol da minha educação, meu eterno agradecimento.

À Profa. Daniela Riva Knauth, pelo comprometimento em ensinar, orientar e fazer-me evoluir na minha jornada acadêmica e profissional. Toda minha trajetória até a conclusão deste estudo devo a ela.

Agradeço aos professores deste curso, que sem dúvidas nos fazem querer ir sempre mais longe, pela forma de ensinar assim como também pela empatia de entender nossas limitações.

Desta forma, agradeço a todos que fazem parte da minha vida, amigos e familiares, que me dão força e suporte para que eu concretize meus sonhos.

RESUMO

INTRODUÇÃO: A integralização de atenção à saúde da pessoa com HIV/ Aids reconhece que existem questões sociais de vulnerabilidade e fatores de risco à doença. No acesso aos serviços de saúde é possível que esta comunidade experimente preconceitos, discriminação e desinformação na forma do atendimento prestado. **OBJETIVOS:** Identificar o conhecimento que os profissionais da saúde que atuam na atenção primária à saúde possuem sobre o HIV/Aids e suas implicações no atendimento dos pacientes vivendo com HIV/Aids. **MÉTODO:** Foi realizado um estudo do tipo revisão narrativa da literatura sobre a experiência do atendimento da pessoa com HIV na atenção primária à saúde. Para tanto, foi realizada uma busca nas bases de indexação da produção científica a seguir: Scielo, Lilacs, Google Scholar e PubMed; assim como em plataformas governamentais. Foram utilizados os descritores: síndrome de imunodeficiência adquirida, atenção primária à saúde, profissional de saúde; o intervalo de busca contemplou o material publicado nos últimos 10 anos. **RESULTADOS:** A revisão da literatura científica empreendida no presente estudo, ao buscar identificar o grau de conhecimento profissional na atenção primária da saúde sobre o HIV/AIDS, revelou que a maioria dos artigos incluídos não contempla, de fato, a mensuração do conhecimento acerca da temática dos agentes de saúde. Os trabalhos analisados privilegiam a questão da prevenção, tratamento e impactos na qualidade de vida do paciente HIV/AIDS. Poucos estudos apontam o nível de informação científica que os profissionais de saúde carregam em favor do atendimento no sistema público além de carecer de estudos que abordem estratégias efetivas para a mudança no cenário de qualificação dos profissionais. **CONCLUSÕES:** A análise empreendida evidencia a importância de reavaliar a formação dos profissionais de saúde no que diz respeito a temática do HIV/Aids de forma a qualificar o atendimento das pessoas vivendo com HIV/Aids nos serviços de atenção primária à saúde. Considerar os aspectos de relacionamento, de comunicação e de cultura se apresentam como importantes barreiras na oferta de cuidado adequado às pessoas vivendo com HIV/AIDS.

Palavras-Chave: Síndrome de Imunodeficiência Adquirida, Atenção Primária à Saúde, Profissional de Saúde.

LISTA DE TABELAS/FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1 Processo de seleção da análise	16
Tabela 1: Artigos selecionados para o estudo	17
Tabela 2: Sistematização dos artigos selecionados em relação ao objetivo, conhecimento dos profissionais sobre HIV/AIDS, qualificação profissional e implicações sobre o atendimento	19
Gráfico 1: Distribuição das publicações analisadas por ano de publicação	21

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, do inglês <i>Acquired Immunodeficiency Syndrome</i>
APS	Atenção Primária à Saúde
ESF	Estratégia de Saúde da Família
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana, do inglês <i>Human Immunodeficiency Virus</i>
LILACS	Literatura Latino- Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan- Americana de Saúde
RN	Revisão Narrativa
SUS	Sistema Único de Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA	9
1.2 JUSTIFICATIVA.....	10
2 OBJETIVOS	10
2.1 OBJETIVO GERAL	10
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
3 REVISÃO DE LITERATURA	11
4 METODOLOGIA.....	14
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	14
5 RESULTADOS:	16
5.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES	21
5.2 ASPECTOS DESTACADOS NOS ESTUDOS.....	22
6 DISCUSSÃO	26
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
ARTIGOS UTILIZADOS NA EXTRAÇÃO DE DADOS.....	32
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	344
MINI CURRÍCULO	36

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Ministério da Saúde a AIDS pode ser definida como uma infecção sexualmente transmissível (IST), na qual o sistema imunológico do indivíduo é afetado, gerando assim comprometimento do funcionamento biológico de defesa. Há diferentes formas de contágio: compartilhamento de objetos perfuro-cortantes infectados, de mãe soropositiva para filho e principalmente na forma de relações sexuais sem a devida proteção. (BRASIL, 2021)

De acordo com a Organização Pan- Americana de Saúde (OPAS), a Aids é um problema de saúde pública mundial devido à alta incidência na população, cerca de 38 milhões de pessoas infectadas até dados obtidos em 2019. Dentre o grupo de risco encontram-se: homossexuais, usuários de drogas injetadas, trabalhos relacionados com atividade sexuais com múltiplos parceiros; resultado de questões de vulnerabilidade social bem como lacunas no acesso aos serviços da atenção básica em saúde. (OPAS, 2021)

O Ministério da Saúde, através do Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), visa reunir em um portal as principais informações acerca desta IST, na forma de informações epidemiológicas atuais no cenário brasileiro. Suas diretrizes estão voltadas ao acesso à saúde bem como redução de vulnerabilidade da população à doença. (BRASIL, 2021)

Historicamente, a doença Aids se faz presente em diferentes cenários políticos em que o Brasil ultrapassou. A espelho do que se via na reformulação da Constituição Federal de 1988, no ano de 1993 iniciou-se a distribuição gratuita de medicamentos antirretrovirais que ofertavam maior tempo de vida ao paciente HIV. Desta forma, as políticas públicas passaram por diversas mudanças até que, com a crescente demanda de casos foi implantado em 1994 pelo Ministério da Saúde o SAE (Serviço de Assistência Especializada). A testagem gratuita passou a ser ofertada na atenção primária gerando certo desconforto político, visto que a demanda preocupava o sistema de saúde. Assim, percebe-se que enquanto o SAE previa uma centralização do atendimento ao HIV, na atenção básica reflete-se o modelo de descentralização do serviço (VIEIRA et al., 2020).

A atenção primária em saúde (APS) engloba o atendimento inicial da população, a fim de ter o contato direto com a necessidade do indivíduo e

posteriormente, se for necessário, encaminhá-lo ao local que irá atender a sua demanda. Dentre as atribuições da APS está a promoção da saúde e prevenção do adoecimento (OLIVEIRA e PEREIRA, 2013). Já os serviços especializados têm a responsabilidade em atender o público específico de forma integral e humanizada, bem como oferecer tratamentos e informações sobre qualidade de vida (VIEIRA et al., 2020). No que concerne ao HIV/Aids, a atenção primária é responsável pela prevenção, diagnóstico precoce, acompanhamento e assistência das pessoas vivendo com HIV/Aids, especialmente aquelas que estão usando antirretrovirais de primeira linha.

Dentro do contexto apresentado, o objetivo deste estudo é identificar como os profissionais da atenção primária à saúde tem acolhido e prestado atendimento às pessoas vivendo com HIV/Aids. A impressão que se tem é de que as pessoas com HIV experimentam em algum momento da vida preconceito na forma de atendimento profissional e também nas relações em sociedade.

1.1 DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

A descentralização do atendimento do HIV/Aids para a atenção primária à saúde traz uma série de desafios. Além da competência técnica para o diagnóstico e tratamento da infecção propriamente dita, se faz necessária a sensibilização e capacitação dos profissionais para acolher um segmento da população que frequenta menos os serviços de saúde justamente em função do estigma e preconceito que são vítimas. Soma-se a este cenário a sobrecarga de trabalho dos profissionais da APS, que precisam dar conta das demandas cotidianas de um determinado território e do acompanhamento de condições crônicas bastante prevalentes na população, com hipertensão e diabetes, além dos problemas de saúde mental.

Conhecer como os profissionais da saúde estão atendendo a esta nova demanda, suas dificuldades, bem como quais os aspectos que facilitam o atendimento do HIV/Aids na APS tem sido importante para garantir a qualidade e integralidade da assistência a este segmento da população.

1.2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema deste trabalho se deu por meio do interesse em ampliar a discussão acerca das pessoas vivendo com HIV/Aids perante o atendimento oferecido no SUS. Tratando-se de uma especialização em Saúde Pública, correlacionei a temática do HIV/Aids com saúde. A partir do cenário atual no Brasil, faz-se necessário aprofundarmos os conhecimentos, visto que ainda há tremenda desinformação em torno deste assunto.

Partindo do pressuposto que toda pessoa deve ser tratada de forma digna, o paciente com HIV/Aids merece ser contemplado de acordo com sua individualidade. Entretanto, muitos dos estudos existentes abordam o tratamento, formas de prevenção e impactos sociais; minoritariamente os estudos retratam de que forma o paciente é de fato atendido no sistema público de saúde.

Em relação aos direitos no acesso à saúde, nota-se certo preconceito por parte da sociedade em se tratando de pessoas com HIV/Aids. Sabe-se também que isso reflete nos profissionais de saúde que trabalham diretamente em contato com esta comunidade; de tal forma que a desinformação acarreta consequências no acolhimento destes.

Desta forma o presente trabalho se justifica no sentido de compreender quais os pontos que tem sido discutidos pela comunidade científica bem como os que não tem sido objeto de investigação no que se refere ao atendimento das pessoas vivendo com HIV/Aids na atenção primária à saúde.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Identificar o conhecimento que os profissionais da saúde que atuam na atenção primária à saúde possuem sobre o HIV/Aids e suas implicações no atendimento dos pacientes vivendo com HIV/Aids.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- I. Descrever a relação entre conhecimento e formação/qualificação dos profissionais de saúde em relação ao paciente HIV.
- II. Identificar as principais lacunas no conhecimento dos profissionais da saúde sobre o HIV/Aids
- III. Compreender como o conhecimento e qualificação dos profissionais da saúde interferem na qualidade do atendimento.
- IV. Demonstrar como a conduta do profissional influencia na aderência ou continuidade do tratamento.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Na literatura atual, existem diversos conteúdos científicos que abordam a temática abrangente da pessoa que vive com HIV. Não menos importante é a questão emocional que envolve este assunto, uma vez que os indivíduos podem apresentar condutas adversas à notícia. Mediante isso, é de suma importância que todo indivíduo tenha uma base familiar que proporcione o conforto necessário ao tratar de assuntos sociais, no sentido de acolhimento de uma pessoa que em algum momento da vida experimente a situação de doença de qualquer natureza.

Em se tratando de uma infecção sexualmente transmissível e sem cura, geralmente a notícia tende a ser assustadora, principalmente pela falta de informação sobre a temática. O indivíduo que tenha estabelecido confiança familiar, certamente será capaz de atravessar de forma menos nebulosa os acontecimentos, passando a colaborar significativamente ao tratamento proposto. O que se observa atualmente é que os pacientes com HIV sentem que de alguma forma precisam compartilhar o diagnóstico para se sentirem aceitos, o que gera um certo estresse em relação a como essa notícia se dará, principalmente em se tratando de relações afetivas sexuais (SANTOS, et al., 2019).

Dentre as infecções sexualmente transmissíveis, o HIV representa uma das doenças de maior prevalência neste cenário. Desta forma, segundo o boletim epidemiológico sobre a infecção por HIV/AIDS divulgado pelo Ministério da Saúde, cerca de 381.793 casos de HIV foram notificados no Sistema de Informação de

Agravos de Notificação de 2007 até junho de 2021 no Brasil. Destes, as regiões mais predominantes em número de casos foram a Sudeste e Nordeste, seguidas de Sul, Norte e Centro- Oeste (BRASIL, 2019).

O diagnóstico do HIV pode ser realizado de diferentes formas. Pode ser através da testagem rápida através da coleta de sangue por parte do Centro de Testagem e Aconselhamento (CTA), bem como nas unidades de atenção básica em saúde, móvel ou presencial. O diagnóstico pode ser realizado ainda por meio de exames de rotina, especialmente daqueles ofertados no acompanhamento pré-natal de gestantes. Diante disto, quanto mais rápido se der a detecção da doença maior a oportunidade de oferecer tratamento e qualidade de vida ao paciente infectado (BRASIL, 2019).

O tratamento das pessoas com HIV com o uso dos medicamentos antirretrovirais é ofertado pelo SUS de forma gratuita e universal, assegurados pela lei nº9.313, de 13 de novembro de 1996. De acordo com “ Os 5 passos para a implementação do Manejo da Infecção pelo HIV na Atenção Básica” do Ministério da Saúde, o primeiro passo é identificar os sintomáticos e assintomáticos de forma a encaminhá-los ao melhor local de atendimento, seja na atenção básica ou serviços especializados (BRASIL, 2017).

Mediante isso, torna-se necessário qualificar os profissionais para o atendimento deste público de forma presencial ou não, através de cursos, seminários e oficinas acerca do tema HIV; além de oferecer suporte técnico profissional por meio de contato com outras pessoas capacitadas para o atendimento destes, paralelamente às reuniões e treinamentos que resultem em troca de informações e planejamento de estratégias. Faz-se ainda necessário disponibilizar exames de carga viral e rastreamento de CD4, além de oferecimento de medicamentos antirretrovirais (BRASIL, 2017).

Há ainda importantes avanços no campo da prevenção, em particular com a disponibilização do tratamento pré-exposição, conhecido popularmente como PrEP. Este método nada mais é do que a combinação de dois antirretrovirais (tenofovir e entricitabina), utilizados antes das práticas sexuais regularmente como forma de “prevenir” a infecção pelo vírus; ressaltando que este não exclui a importância de relacionar o método preventivo da camisinha com uso de medicamentos. Também existe o tratamento por meio da PeP (profilaxia pós-exposição) que se baseia no uso de medicamento antirretroviral contínuo após um episódio de risco à doença. Contudo, estes métodos são recentes e só foram englobados ao SUS como oferta gratuita a

partir de 2017, após estudos que garantiram sua eficácia no controle de novos casos (ZUCHI, et al., 2018; CASTOLDI, et al., 2021).

Portanto, o que se observa na literatura é uma diminuição na taxa de mortalidade pela doença Aids, resultado de uma crescente busca pela disseminação da qualidade do tratamento ofertado pelo SUS. Segundo o boletim epidemiológico de 2021 sobre Aids no Brasil, de 2010 a 2020 observou-se uma redução de 29,9% no coeficiente de mortalidade, passando de 5,7 para 4,0 óbitos por 100 mil habitantes (BRASIL, 2021).

A forma como as pessoas vivendo com HIV/Aids são acolhidas nos serviços de saúde é fundamental para a qualidade da assistência prestada, bem como para a adesão ao tratamento medicamentoso. Segundo Recorder (2011) é de suma importância que se estabeleça uma confiança entre médico e paciente desde as primeiras consultas, uma vez que o indivíduo que procura o atendimento já carrega consigo uma série de dúvidas. Uma vez estabelecida esta relação, é possível que o tratamento proposto, bem como as devidas orientações de saúde, sejam melhor recebidas por parte do paciente. Mediante isto, é possível conhecer as necessidades do indivíduo, suas vulnerabilidades sociais e emocionais, além do que estar inserido na sua história de vida na forma do acompanhamento médico pelos anos que se seguirão.

A partir do estudo qualitativo realizado por COSTA et al. (2020) em uma Unidade de Saúde da Família, foram encontradas indicadores da dificuldade dos profissionais em lidar com pessoas vivendo com HIV/Aids. Em relação com o cuidado, os entrevistados, apesar de afirmarem que o cuidado deve ser feito normalmente, trazem em suas falas um conjunto de cuidados especiais, como usar EPI's dobrados. Há também uma expressão de sentimentos de medo e exclusão em relação ao HIV/Aids. Alguns profissionais entrevistados também crêem que a doença é consequência de atitudes sexuais do indivíduo e muitas vezes o que importa é não julgar as práticas mas orientar a redução de riscos. Resumidamente os resultados obtidos nos revelam que a grande parte do comportamento do profissional está ligada aos valores de juízo, medos em relação ao contágio, falta de preparo ao lidar com este tipo de paciente bem como a falta de treinamento em tecnologias leves.

Já o estudo de Zambenedetti e Both (2013) destaca os estigmas que circulam no meio do atendimento por parte dos profissionais de saúde ao paciente HIV. Através de um estudo qualitativo, os autores realizaram entrevistas em duas unidades de

Estratégia da Saúde da Família no município de Porto Alegre, incluindo a equipe de médicos, enfermeiros, técnicos de enfermagem e agente comunitário de saúde. A maioria dos entrevistados acredita que o estigma ainda é uma realidade, mas se comparado a história da doença, tem regredido graças aos tratamentos. Alguns entrevistados também alertaram para a questão da banalização da doença, sendo vista de forma rotineira e com a ideia de que o tratamento diminui a gravidade. No estudo intitulado como ‘A via que facilita é a mesma que dificulta’ é diversas vezes exemplificado que ao mesmo tempo que os profissionais e locais de saúde tem o papel fundamental de auxiliar os pacientes no acesso à informação e tratamento, também são lugares de reprodução de estigmas; principalmente nas condutas de quebra de sigilo do diagnóstico e associações ultrapassadas que relacionam morte e Aids. Assim como também fazer associação que um indivíduo de perfil magro tenha a doença e lançar mão de informações para amedrontar o paciente são alguns dos pontos que foram apontados no estudo.

Portanto, fica claro que além do aprofundamento dos estudos acerca do complexo assunto que é o tema HIV/Aids é de suma importância que os conhecimentos teóricos cheguem de forma eficaz na prática profissional, na figura de acolhimento e atendimento humanizado, contribuindo não só para a aderência ao tratamento por parte do indivíduo, mas também na melhoria dos serviços prestados a esta população. Importante que os profissionais de saúde estejam despidos de crenças que não se baseiam em comprovações científicas e que estejam comprometidos com o servir ao próximo.

4 METODOLOGIA

4.1 TIPO DE ESTUDO

Para a elaboração deste trabalho foi realizado um estudo do tipo revisão narrativa (RN) da literatura sobre como é executado o atendimento à pessoa com HIV/Aids no sistema público de saúde, com enfoque no comportamento do profissional de saúde. Segundo (CASARIN et al.; 2020) a RN é um método de pesquisa que possibilita explorar uma questão sem que haja a necessidade de seguir métodos

rigorosos para a seleção científica, possibilitando ao autor, maior flexibilidade na escolha dos pontos a serem abordados.

Considerando o objeto de estudo, os artigos referentes à temática foram pesquisados nas bases de indexação da produção científica a seguir: Scielo, Lilacs, Google Scholar e PubMed; bem como em plataformas governamentais. Para a identificação dos artigos de interesse, o estudo utilizou os seguintes descritores: síndrome de imunodeficiência adquirida, atenção primária à saúde, profissional de saúde. O período de busca contemplou o material publicado nos últimos 10 anos, ou seja, de janeiro de 2001 à dezembro de 2021. Foram incluídos no estudo os artigos selecionados que: a) apresentem dados empíricos; b) tenham sido realizados no Brasil; c) incluam dados sobre profissionais da saúde; d) estejam em português, espanhol ou inglês. Foram excluídos da análise estudos de revisão da literatura, ensaios ou artigos de opinião. A seleção dos artigos seguiu as seguintes fases:

Primeira fase:

- Identificação dos artigos através das palavras-chaves definidas;
- Exclusão dos artigos duplicados;
- Leitura do resumo dos artigos selecionados na primeira fase para definir se respondem aos critérios de inclusão;
- Exclusão dos artigos que não atendem aos critérios de inclusão.

Segunda fase:

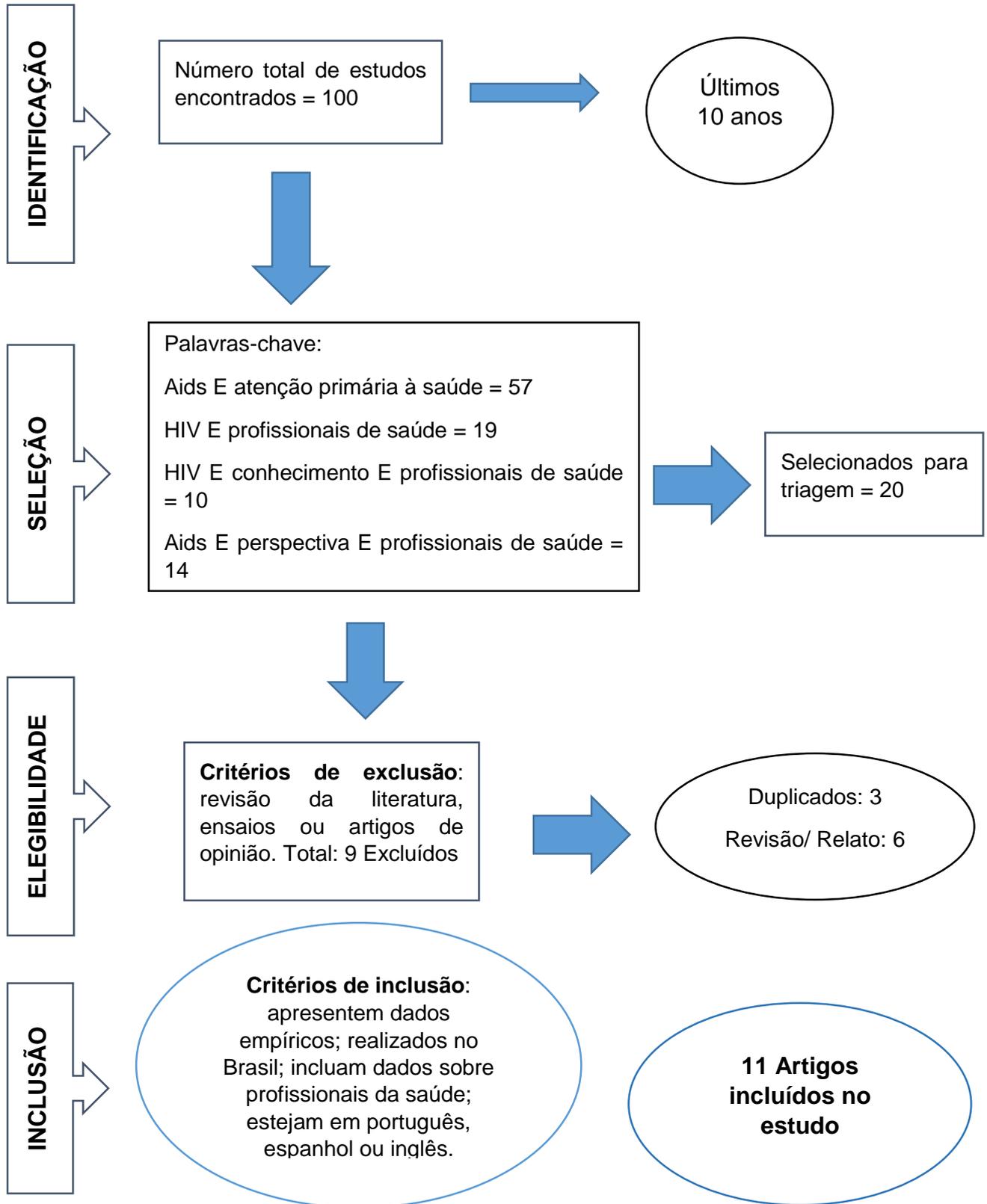
- Leitura integral dos artigos que atenderam aos critérios de inclusão;
- Sistematização dos artigos nas categorias de interesse do estudo: 1) tipo de estudo; 2) local de desenvolvimento; 3) categorias profissionais incluídas; 4) barreiras de acolhimento e atendimento identificadas; 5) facilitadores identificados no acolhimento e atendimento das pessoas vivendo com HIV/Aids.

Terceira fase:

- Descrição dos dados sistematizados;
- Análise dos dados sistematizados;
- Discussão dos dados a partir da literatura disponível
- Conclusões

A figura abaixo apresenta de forma sistematizada o instrumento de análise dos artigos que foram utilizados para a elaboração deste estudo.

Figura 1 Processo de seleção da análise:



5 RESULTADOS:

Tabela 1: Artigos selecionados para o estudo

ARTIGO/ANO	POPULAÇÃO ESTUDADA	MÉTODO	RESULTADOS PRINCIPAIS
1.A via que facilita é a mesma que dificulta": estigma e atenção em HIV-Aids na estratégia saúde da família - ESF (ZAMBENEDETTI e BOTH, 2013)	Profissionais: médico, enfermeiro e técnico de enfermagem e agente comunitário de saúde da ESF de POA Nº Pessoas incluídas = 15	Técnica: entrevista semiestruturada Estudo: Qualitativo	=>Os profissionais de saúde relatam que o estigma e preconceito são uma realidade => Consideram que os profissionais devem respeitar o sigilo contudo existem divergências em relação ao local em que trabalham e o local de residência, sendo passível a troca de informações do paciente.
2.Cuidado de pessoas vivendo com HIV na atenção primária à saúde: reconfigurações na rede de atenção à saúde? (MELO et al., 2021)	Usuários da APS e profissionais de saúde (médico, enfermeiro) Nº Pessoas incluídas = 30	Técnica: entrevista com técnica snowball Estudo: Qualitativo	=> O acesso tem sido considerado importante no aspecto dos sistemas de saúde, contemplando não apenas dimensões espaciais, mas também culturais e organizacionais. => O primeiro fluxo tende a acontecer em função do vínculo já existente entre usuário e equipe de APS ou da abordagem inicial dos profissionais.
3.Cuidado para pessoas com HIV/AIDS sob a ótica de agentes comunitários de saúde (GARBIN et al., 2019)	Agente comunitário de saúde Nº Pessoas incluídas = 29	Técnica: análise de Bardin Estudo: Qualitativo	=>Verificou-se que o vínculo de confiança entre paciente e profissional de saúde é importante para a acolhida destes, ainda o preconceito foi relatado pela maioria.
4.Despertar das políticas públicas de combate à AIDS na perspectiva de profissionais de saúde (ANGELIM et al., 2018)	Profissionais de saúde Nº Pessoas incluídas = 46	Técnica: entrevista semiestruturada Estudo: Exploratório, descritivo e qualitativo	=> Pôde-se perceber, a questão dos avanços tecnológicos e científicos acerca do tratamento com antirretrovirais. => Evidencia-se a ineficácia nas campanhas promovidas para prevenção da AIDS, tendo em vista que elas não ocorrem de forma rotineira, causando lacunas no processo de promoção e prevenção de DST.
5.Em tempos de Aids: representações sociais e memórias de profissionais de saúde do centro de testagem e aconselhamento (CTA) de Belém (MARINELLI et al., 2014)	Profissionais de saúde: serviço social, biologia e enfermagem Nº Pessoas incluídas = 7	Técnica:questionário estandarizado; formulário de evocações livres; roteiro temático de entrevista Estudo: Quantitativo e qualitativo	=>Os profissionais consideram importante a desmistificação da doença para a promoção de saúde dos indivíduos com Aids. =>As memórias são de medo, receio e negatividade na visão dos profissionais de saúde.
6.Estigma e teste rápido na atenção básica: percepção de usuários e profissionais (EW et al., 2018)	Usuários e profissionais de saúde: enfermeiro, técnico de enfermagem, médico, dentista, nutricionista e agente comunitário de saúde. Nº Pessoas incluídas = 64	Técnica: entrevista semiestruturada Estudo: Qualitativo	=>Os entrevistados relatam estigma tanto por parte de outros usuários do sistema de saúde quanto pelos profissionais da equipe multidisciplinar (médicos, enfermeiros, técnicos)

<p>7.Percepção da Aids pelos profissionais da saúde que vivenciaram a epidemia durante o cuidado prestado às pessoas com a doença, em Florianópolis (SC), Brasil (1986-2006) (VILLARINHO e PADILHA, 2014)</p>	<p>Profissionais de saúde: médico, enfermeiro, técnico de enfermagem, dentista, nutricionista, assistente social e psicólogo. Nº Pessoas incluídas = 23</p>	<p>Técnica: história oral para método-fonte Estudo: Qualitativo</p>	<p>=>Os profissionais de saúde ressaltam que houve uma mudança no perfil epidemiológico das internações. => Observam a importância do avanço de políticas públicas voltadas para a Aids bem como a melhoria na assistência dos serviços prestados.</p>
<p>8.Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado (TAQUETTE et al., 2017)</p>	<p>Soropositivos diagnosticados na adolescência Nº Pessoas incluídas = 39</p>	<p>Técnica: entrevistas semiabertas Estudo: Qualitativo</p>	<p>=> Identificou-se que na percepção dos entrevistados, o diálogo que se estabelece na consulta -pré teste- sobre o pedido do exame se restringe à motivação da solicitação. => No pós teste, o aconselhamento bem conduzido parece ter contribuído com a expressão de atitudes positivas em relação ao futuro e à convivência com doença crônica e incurável.</p>
<p>9.Percepção dos enfermeiros acerca do processo de descentralização do atendimento ao HIV/Aids: testagem rápida (LIMA et al., 2021)</p>	<p>Profissionais = Enfermeiros da APS de Recife Nº Pessoas incluídas = 32</p>	<p>Técnica: entrevistas semiestruturadas Estudo: Descritivo/Qualitativo</p>	<p>=> Percebe-se que o cuidado às pessoas vivendo com HIV ainda está vinculado aos serviços especializados e que a APS limita-se à execução do TR. => A atuação do enfermeiro enquanto profissional da ESF é de suma importância para a concretização da reorganização do modelo de assistência à saúde, contudo evidenciam-se entraves, principalmente em relação à execução do TR, responsabilização pelo atendimento e capacitações da equipe multiprofissional.</p>
<p>10.Prática de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis, HIV e aids, realizada por profissionais da atenção primária à saúde de Montes Claros, Minas Gerais, 2015-2016 (BARBOSA et al., 2020)</p>	<p>Profissionais = médicos e enfermeiros da APS de Montes Claros Nº Pessoas incluídas = 146</p>	<p>Técnica: aplicação de questionário a médicos e enfermeiros da APS Estudo: transversal</p>	<p>->79,5% dos profissionais referiu realizar frequentemente o aconselhamento individual em ISTs/HIV/aids em local reservado com o usuário. -> Apenas 25,7% referiram práticas adequadas se aconselhamento</p>
<p>11.Qualidade da atenção à saúde de portadores de HIV: opinião de profissionais de saúde (SILVA et al., 2016)</p>	<p>Profissionais de saúde: médicos, enfermeiros e técnicos de enfermagem Nº Pessoas incluídas = 34</p>	<p>Técnica: entrevista estruturada Estudo: Avaliativo e qualitativo</p>	<p>=> A avaliação do serviço foi considerada satisfatória por 58,8% dos entrevistados, destacando-se em nove indicadores: apoio oferecido pelo serviço, horários de atendimento, acolhimento, orientações fornecidas do tratamento, pontualidade dos profissionais de saúde, disponibilidade de antirretrovirais, disponibilidade de exames laboratoriais, relacionamento profissional/usuário e facilidade de acesso ao serviço.</p>

Tabela 2: Sistematização dos artigos selecionados em relação ao objetivo, conhecimento dos profissionais sobre HIV/AIDS, qualificação profissional e implicações no atendimento.

ARTIGO	OBJETIVO	CONHECIMENTO DOS PROFISSIONAIS SOBRE HIV/AIDS	QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL	IMPLICAÇÕES SOBRE O ATENDIMENTO
Artigo 1.	Eixos analisados: percepção dos profissionais sobre o estigma relacionado ao HIV-Aids; participação dos profissionais na dinâmica do segredo/encobrimento/revelação do diagnóstico; participação dos profissionais da ESF na (re)produção de estigmas.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV.	O trabalho não identifica as lacunas na qualificação dos profissionais de saúde apenas aponta que a desinformação sobre o HIV é presente.	O trabalho demonstra que a conduta profissional interfere na busca por atendimento e tratamento, principalmente no que tange o sigilo diagnóstico.
Artigo 2.	Eixos analisados: HIV e Aids na APS, cuidado e integralidade, interrogando elementos da APS a partir da observação sobre o que o cuidado às pessoas vivendo com HIV evidenciava ou provocava nela.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV.	O trabalho não identifica as lacunas na qualificação dos profissionais de saúde, apenas aponta que existe uma discussão entre médico da família e comunidade x infectologistas em razão dos cuidados ao paciente HIV na APS.	O trabalho demonstra que a conduta profissional interfere no atendimento, principalmente no que tange o aconselhamento e dialogicidade; além de abordar sobre o vínculo entre profissional e usuário como fator decisivo.
Artigo 3.	Eixos analisados: ações voltadas ao cuidados de pessoas com HIV realizadas e como são desenvolvidas, ciência dos casos de usuários com este problema no território, percepção sobre a atuação dos ACS,s em relação ao problema.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas aponta que faz-se necessário o investimento em educação dos profissionais em saúde.	O trabalho identifica a lacuna do local (falta de infraestrutura física) para que os profissionais de saúde possam realizar ações educativas. Não identifica de fato as lacunas na qualificação dos profissionais.	O trabalho demonstra que a conduta profissional interfere na abordagem do ACS ao paciente HIV, principalmente na atuação de dupla posição ora como agente de saúde ora como morador da comunidade; sendo um elo entre o posto de saúde e o paciente.
Artigo 4.	Eixos analisados: terapia antirretroviral e políticas públicas de combate à AIDS.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV.	O trabalho não identifica as lacunas na qualificação dos profissionais de saúde.	O trabalho aponta que a conduta profissional interfere na adesão ao tratamento assim como propor medidas para reverter o abandono ao tratamento.
Artigo 5.	Eixos analisados: conteúdos representacionais e diferentes práticas de cuidado dirigidas ao HIV/AIDS, associações entre variáveis pessoais e institucionais e perfis de práticas de cuidado.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas pontua que as primeiras noções sobre HIV foi norteadas pela falta de conhecimento.	O trabalho não identifica as lacunas na qualificação dos profissionais de saúde.	O trabalho aponta que a conduta profissional interfere na adesão ao tratamento principalmente no que diz respeito ao acolhimento dos pacientes.
Artigo 6.	Eixos analisados: indicação do teste, testagem e tratamento na Atenção Básica, identificação de estigma e	O trabalho aponta que o conhecimento dos profissionais do estudo não são suficientes para transformar as condutas em relação às pessoas	O trabalho identifica que existe lacunas na qualificação dos profissionais de saúde, sugere curso sobre sexualidade para que	O trabalho aponta que a conduta profissional interfere na adesão principalmente no quesito da acerca Atenção Básica e comunidade.

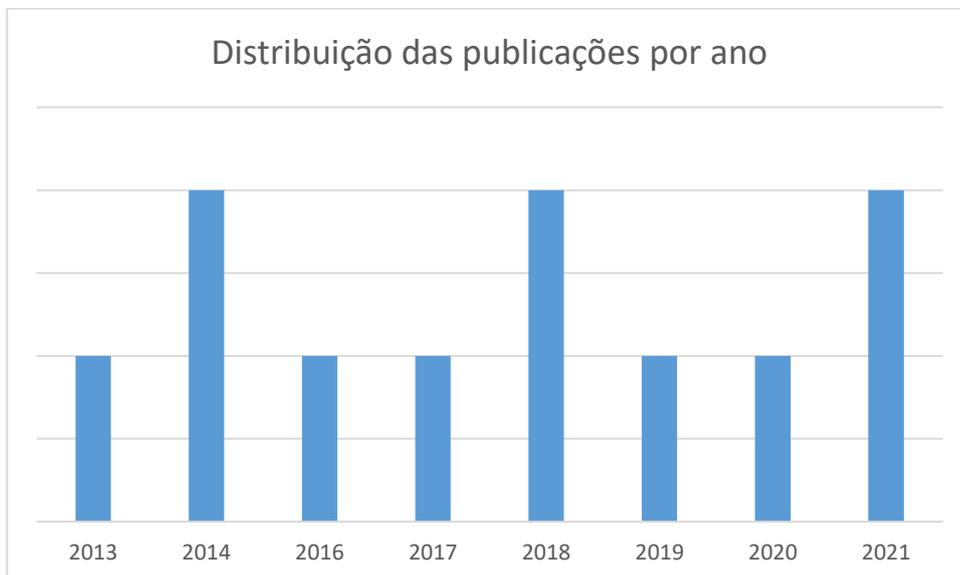
	discriminação no serviço e na comunidade.	com o vírus e às práticas de prevenção.	os profissionais possam atender a clientela.	
Artigo 7.	Eixos analisados: mudança do perfil da epidemia da Aids; melhoria da assistência às pessoas com HIV/Aids; e melhoria das condições de trabalho.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas aponta que as políticas públicas e as concepções sobre a doença evoluíram.	O trabalho não identifica as lacunas na qualificação dos profissionais de saúde apenas faz um comparativo da visão antiga x moderna sobre o HIV/Aids.	O trabalho não demonstra como a conduta profissional interfere na busca por atendimento e tratamento.
Artigo 8.	Eixos analisados: aconselhamento pré e pós-teste HIV e o impacto provocado no paciente e na família.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas aponta que é necessário investir no conhecimento destes.	O trabalho aponta como uma lacuna a formação acadêmica pouco focada nas habilidades comunicacionais; falta de investimento no treinamento e capacitação em práticas de aconselhamento.	O trabalho identifica que o aconselhamento bem conduzido contribui para atitudes positivas dos usuários em relação ao tratamento.
Artigo 9.	Eixos analisados: processo de descentralização do atendimento ao HIV/Aids, que versava sobre acesso, diagnóstico, estrutura, capacitações, atividades de prevenção e educação em saúde.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas afirma que se faz necessário aprimorar o conhecimento dos profissionais.	O trabalho aponta como uma lacuna a ausência ou limitação das capacitações profissionais na condução da doença.	O trabalho identifica que a postura do profissional interfere no atendimento em relação à procura pelo tratamento.
Artigo 10.	Eixos analisados: questões sócio-demográficas e relativas à formação dos profissionais, prática auto referida do aconselhamento.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV, apenas afirma que se faz necessário aprimorar o conhecimento dos profissionais atuantes na APS.	O trabalho identifica como lacuna a falta de capacitação em aconselhamento da equipe profissional de saúde.	O trabalho identifica que a postura do profissional interfere no atendimento em relação à procura pelo tratamento, principalmente no que tange a adesão ao tratamento e aconselhamento.
Artigo 11.	Eixos analisados: aspectos socioeconômicos e de formação profissional da equipe de saúde que atendem os portadores de HIV/AIDS, qualidade da atenção à saúde aos portadores.	O trabalho não descreve a relação entre o grau de conhecimento e qualificação profissional em relação ao HIV.	O trabalho aponta como uma lacuna a falta de hegemonia na prática de interdisciplinaridade entre a equipe.	O trabalho demonstra que a conduta profissional interfere na busca por atendimento e tratamento, principalmente no que tange o acolhimento dos usuários.

5. 1 CARACTERIZAÇÃO DAS PUBLICAÇÕES

Foram localizados no total 100 artigos publicados em periódicos indexados no período de 2011 a 2021 a partir das palavras chave de busca. Após a leitura dos resumos e títulos foram excluídos 80 artigos por não se encaixarem nos objetivos do presente estudo. Seguiu-se então para a fase de leitura integral dos trabalhos, destes 20 selecionados para triagem, excluiu-se 9 de acordo com os critérios de inclusão e exclusão previamente estabelecidos. Desta forma, a presente revisão bibliográfica narrativa contemplará 11 artigos. (Figura 1)

O quadro 1 apresenta de forma sintetizada as categorias do instrumento de análise dos artigos selecionados nesta revisão narrativa. Analisando o ano das publicações selecionadas para o estudo, levando em consideração o período de 10 anos, observamos que não houve uma concentração de artigos por ano específico, conforme demonstra o gráfico abaixo:

Gráfico 1: Distribuição das publicações analisadas por ano de publicação



A análise dos artigos também indica uma baixa produção científica voltada para temas como qualificação profissional e grau de conhecimento dos profissionais de saúde. Observamos que os assuntos mais focados em relação ao HIV/Aids giram em torno da testagem, tratamento, estigmas e doenças associadas.

Em relação à atividade profissional dos participantes das pesquisas, a maior parte dos estudos é realizada com indivíduos das áreas de formação em medicina,

enfermagem/técnico em enfermagem e psicologia. Alguns estudos minoritários abrangem profissionais da equipe em atenção básica que atuam como agente comunitário ou com formação em odontologia, nutrição e serviço social. Grande parte dos artigos encontrados incluem a perspectiva dos profissionais da saúde em relação ao HIV e poucos incluem a percepção do usuário do sistema público.

Em termos metodológicos dos estudos analisados, 6 são de caráter puramente qualitativo, 2 são do tipo descritivo/qualitativo, 1 é do tipo transversal, 1 mescla a abordagem quantitativa e qualitativa e por fim 1 estudo lança mão da técnica avaliativa/qualitativa. Estes dados indicam a relevância da pesquisa qualitativa na área da saúde coletiva, através de um olhar subjetivo frente aos fenômenos sociais e em busca de compreender o comportamento humano. Por outro lado, percebemos que existe uma lacuna no que diz respeito a estudos de caráter quantitativo, possivelmente em razão da dificuldade em mensuração dos aspectos relativos ao conhecimento e tratamento dispensado pelos profissionais aos usuários da rede básica de saúde.

5.2 ASPECTOS DESTACADOS NOS ESTUDOS

No que concerne aos resultados principais extraídos das pesquisas analisadas, nos deparamos com grande parte dos trabalhos pontuando a questão do estigma e preconceito. Para Zambenedetti e Both (2013) o estigma ainda é muito frequente por parte dos profissionais de saúde que podem atuar tanto na desconstrução do estigma como podem interferir diretamente na sua reprodução, como é o caso da associação da doença Aids com um indivíduo magro condenado à morte.

O estudo de Garbin et al. (2019) pontua que o preconceito impacta diretamente na atuação dos agentes comunitários de saúde, pois os portadores do vírus acabam guardando segredo sobre o seu estado de saúde comprometendo as ações de acolhimento e abordagem. Embora os profissionais possuam o conhecimento técnico sobre como se dá a transmissão do HIV, alguns apresentam receio de infecção pelo contato com os usuários. Diante disto, salienta-se que, apesar dos esforços em campanhas governamentais para o esclarecimento sobre o HIV/AIDS, o conhecimento dos profissionais não é suficiente para transformar as condutas em relação às pessoas com o vírus e às práticas de prevenção (EW et al., 2018).

Em relação ao estabelecimento de vínculo entre profissional/usuário no âmbito da saúde pública, o estudo de Melo et al. (2021) salienta que os usuários que escolhem a APS parecem fazê-lo em função do vínculo já existente entre usuário e equipe de APS ou da abordagem inicial dos profissionais. Ainda, o estudo de Garbin et al. corrobora com a ideia de que “o vínculo criado entre os agentes comunitários e o usuário da atenção básica tem sido visto como uma potencialidade no que tange à promoção de saúde desta população, uma vez que conhecem de perto as vulnerabilidades existentes e muitas vezes oferecem suporte físico e emocional para a qualidade de vida do paciente” (2019, p.9).

O aconselhamento profissional segundo Taquette et al. quando “bem conduzido, parece ter contribuído com a expressão de atitudes positivas em relação ao futuro e à convivência com doença crônica e incurável” (2017, p.5). Os estudos salientam ainda a necessidade de campanhas e políticas públicas mais efetivas no sentido de aproximar as pessoas vivendo com HIV/AIDS dos serviços de saúde. Como destaca Angelim et al. as campanhas já realizadas “trouxeram grandes avanços na qualidade de vida destes pacientes, contudo ainda não são suficientes para a devida efetividade dos serviços em saúde” sobretudo no que diz respeito à adesão e continuidade ao tratamento (2018, p.5).

Em relação aos objetivos dos artigos selecionados, observa-se que os autores abordam sob diferentes perspectivas a assistência prestada às pessoas vivendo com HIV/AIDS na atenção primária à saúde. Melo et al. (2021), Garbin et al. (2019) e Marinelli et al. (2014) têm em comum o interesse em abordar o cuidado e a integralidade da assistência prestada na APS ao paciente HIV. No estudo de Marinelli et al. (2014) ao lançar mão da técnica de evocação livre de palavras, a palavra acolhimento foi a mais apontada pelos profissionais, corroborando a ideia de que o cuidado está relacionado com a forma que estes pacientes são abordados por parte da equipe.

Zambenedetti e Both (2013) e Ew et al. (2018) também apresentam objetivos em comum ao estudar o estigma por parte dos profissionais de saúde. Segundo Ew et al. “mesmo que os profissionais participantes tenham realizado o curso de testagem para HIV/AIDS, ainda demonstraram discriminação e preconceito” (2018, p. 8). Os outros trabalhos analisados se debruçam sobre a percepção dos profissionais sobre os pacientes, testagem e aconselhamento, além de avaliar a qualidade do atendimento dispensado a este segmento da população.

No que concerne o conhecimento e a qualificação profissional em relação ao HIV, quase que a totalidade dos artigos selecionados não aborda este assunto, a exceção é o estudo de Ew et al. (2018). De acordo com os autores, “os profissionais relatam que tratam o HIV com a mesma atenção com que tratam outras demandas do serviço” (2018, p. 7). Esta forma de lidar com o HIV indica a falta de preparo para atender a demanda de pacientes HIV, visto que esta não é uma condição como outra qualquer. As pessoas vivendo com HIV/AIDS, em função da carga de estigma que este diagnóstico traz, necessitam de escuta ativa, acolhimento, bem como proposição de tratamento individual condizente com a sua realidade.

Avaliando as possíveis lacunas na qualificação dos profissionais da saúde, identificamos que menos da metade dos estudos selecionados identifica alguma lacuna em termos de formação. Para Zambenedetti e Both (2013), Melo et al. (2021), Moura al. (2018), Marinelli et al. (2014) e Villarinho e Padilha (2014), não é possível apontar de fato qual a fragilidade no processo de aprendizado dos profissionais. Em outros seis trabalhos analisados foram identificadas lacunas no processo de aperfeiçoamento dos profissionais.

No estudo de Garbin et al. (2019) o fator apontado como possível lacuna que interfere na qualidade do serviço profissional é o local de trabalho. Segundo os autores “não é incomum as pesquisas que tratam da avaliação de serviços públicos de saúde evidenciarem a questão da infraestrutura como um dos problemas enfrentados no cotidiano de atuação das equipes”, o que acaba por inviabilizar a prática de um atendimento humanizado e individual (2019, p.9). Para Ew et al. (2018) é possível que a lacuna na qualificação profissional esteja relacionada com a forma imparcial que julgam aplicar os conhecimentos técnicos adquiridos. Os autores sugerem que os profissionais da saúde “realizem cursos que possam trabalhar sua sexualidade, para que tenham condições de auxiliar nas questões sobre a sexualidade de sua clientela” (2018, p.8). Assim, os autores indicam que os tabus pessoais, particularmente no que concerne à sexualidade, interferem no atendimento prestado aos pacientes vivendo com HIV/AIDS. Desta forma, podemos inferir que grande parte dos estudos afirmam que de fato existe uma lacuna no que tange à qualificação dos profissionais em saúde e na maioria dos casos está relacionada à falta de capacitação específica nas temáticas implicadas na doença, como sexualidade.

A ênfase dada nos cursos da área da saúde no âmbito técnico, sem considerar os aspectos de relacionamento, de comunicação e de cultura se apresentam como importantes barreiras na oferta de cuidado adequado às pessoas vivendo com HIV/AIDS. É nesta perspectiva que Taquette et al. (2017) acreditam que a principal lacuna esteja na formação acadêmica dos indivíduos. Os autores afirmam que “a formação médica na maioria das escolas ainda privilegia a tecnologia, não dando muita atenção a outras questões como as habilidades comunicacionais” (2017, p. 6). Consideram ainda que falta investimento no âmbito da capacitação dos profissionais quanto às práticas de aconselhamento realizado na atenção básica: “muitas vezes não são capacitados para o aconselhamento e às vezes até desconhecem as normas técnicas do Ministério da Saúde” (2017, p.6). O trabalho de Barbosa et al. (2020) corrobora com estes achados ao considerar como lacuna na qualificação profissional a falta de investimento na capacitação no âmbito do aconselhamento por parte da equipe de saúde. Os autores destacam a baixa proporção de médicos e enfermeiros qualificados na área da saúde da família, o que também pode contribuir para práticas inadequadas no aconselhamento.

Lima et al. (2021) destacam outra carência na formação dos profissionais da saúde. De acordo com os autores, as capacitações não contemplam os diferentes aspectos sociais e culturais do HIV/AIDS, mas são focadas nas questões técnicas. Como afirmam os autores: “em relação às capacitações ofertadas com a temática HIV, percebe-se que existem lacunas no que diz respeito à profundidade inerente a todo o processo de mudança do perfil do HIV no Brasil e das atividades e ações desempenhadas entre os níveis de atenção’ sendo ‘a condução das capacitações para os profissionais da APS focadas no diagnóstico do HIV” (2021, p. 5)

O artigo Silva et al. (2016) considera que a lacuna na qualificação profissional está associada a falta de hegemonia na prática de interdisciplinaridade entre a equipe. Os autores destacam que “não se observa o devido reconhecimento da importância de um trabalho conjunto com outros profissionais não médicos desde o começo do tratamento dos pacientes” (2016, p. 5). Assim, para além das questões de conhecimento, as barreiras na abordagem das pessoas vivendo com HIV/AIDS deve-se também às dificuldades em compreender a AIDS em um contexto mais amplo e de atuar em equipes interprofissionais, onde os diferentes conhecimentos e habilidades se juntam em prol do paciente.

Se voltarmos o olhar para as implicações da postura dos profissionais da saúde no atendimento das pessoas vivendo com HIV/AIDS, verificamos que grande parte dos estudos aponta que este fator está diretamente interligado à busca, adesão e continuidade do tratamento proposto. O único estudo que não identifica essa associação de forma explícita é o de estudo de Villarinho e Padilha (2014).

Segundo Angelim et al. é possível perceber que “a adesão do paciente pode ser potencializada por meio de uma boa relação do profissional com o paciente assim como também propor medidas para reverter o abandono ao tratamento” (2018, p. 4). E Melo et al. contribui com seu estudo a perspectiva de que é de suma importância a abordagem do profissional para com o paciente HIV e que se verifica um “comprometimento da efetividade do aconselhamento quando há baixa dialogicidade desta prática nos serviços” (2021, p.4). Por conseguinte, podemos ressaltar o valor da prática profissional bem executada quando o paciente busca por atendimento em um serviço público e como a sua postura para com o indivíduo é revertida em aceitação do tratamento.

6 DISCUSSÃO

Analisando os artigos estudados, observa-se que não há uma crescente demanda de trabalhos focados no atendimento propriamente dito dos pacientes com HIV. Majoritariamente, os estudos nacionais são voltados para as questões: psicológicas, qualidade de vida, tratamentos disponíveis, funções da atenção primária em relação ao HIV bem como o avanço no desenvolvimento de políticas públicas. Ao contrário do que poderíamos esperar de um assunto tão abrangente e que vem ganhando visibilidade cada vez maior em mídias, congressos e campanhas de prevenção, não observamos um interesse expressivo desta temática por parte da comunidade científica em abordar a questão do sujeito perante o profissional de saúde.

Os trabalhos que se debruçam sobre a população HIV salientam que além de experimentarem um caminho social doloroso em construção da sua própria aceitação, o apoio familiar e as relações de afeto que o cercam são capazes de contribuir para a convivência pacífica com o diagnóstico. De acordo com Lobo e Leal (2020), os aspectos mais afetados pela doença são: psicológico, social e familiar. Na forma

psíquica, doenças que podem se desencadear com o descobrimento do HIV são: a depressão, transtorno de ansiedade e até mesmo o suicídio. No âmbito social, os pacientes lidam com a angústia e medo de se relacionarem afetivamente ou não e como se dará a reação do indivíduo. Já no âmbito familiar, os pacientes sentem que de alguma forma serão julgados pelos atos que o levaram a adquirir a doença bem como também temem como os familiares irão reagir, visto que grande parte da população ainda é desinformada e carrega estigmas e crenças que se perpetuaram com o passar do tempo (LOBO E LEAL, 2020; SANTOS et al., 2019).

Segundo o estudo de Rodrigues e Maksud (2017) realizado em uma unidade básica de saúde do Rio de Janeiro, as autoras incluíram pacientes com HIV que não frequentavam as consultas bem como profissionais de saúde na ativa, visando compreender o abandono ao tratamento dos indivíduos. Para agrupar os pacientes na categoria de abandono ao tratamento algumas falhas foram identificadas, como: prontuários com informações incompletas ou desatualizadas assim como também não digitalizados, gerando uma limitação na identificação dos pacientes.

Na entrevista com pacientes, o que pôde-se observar é que alguns relatam medo, vergonha e culpa em comunicar o médico sobre o diagnóstico bem como será tratado após a notícia, contribuindo para o afastamento do tratamento proposto. Na interpretação da perspectiva dos profissionais de saúde, pode-se observar que estão focados na doença e por vezes esquecem de avaliar o indivíduo de forma particular além de apontarem a fragilidade acadêmica na formação da equipe de saúde. (RODRIGUES e MAKSUD, 2017). Este achado vai ao encontro do que encontramos na análise dos artigos visto que a ênfase na perspectiva técnica durante a formação dificulta que os profissionais tenham uma visão mais ampla sobre as dificuldades enfrentadas pelos pacientes vivendo com HIV/AIDS.

A partir do estudo realizado por (CANCIAN et al., 2015) utilizando uma escuta qualificada permitiu-se levantar os fatores que interferem na adesão ao tratamento do HIV. São eles: a pouca educação fundamental, relação do profissional com o paciente (principalmente na diminuição da carga viral) bem como possíveis efeitos adversos dos medicamentos. Diante disto, corrobora com a afirmativa de que o indivíduo que tem o acolhimento do profissional, atendimento multiprofissional e construção de um vínculo de confiança possui os elementos fundamentais para a aderência e continuidade do tratamento de HIV.

As publicações incluídas no presente estudo que abordam o aspecto do profissional da saúde frente ao paciente HIV nos revelam que ainda carecem de informação e desprendimento de informações tendenciosas e estigmatizadas. Além do pouco conhecimento, os profissionais da saúde carregam traços de preconceito que também são presentes no senso comum. Mesmo com os investimentos de políticas e campanhas visando dirimir os preconceitos relacionados à AIDS, percebe-se que ainda permanece uma visão de que não é normal que o paciente HIV seja tratado da mesma forma que um indivíduo que não tenha a doença. Os tabus relacionados à sexualidade se apresentam como os principais entraves ao acolhimento e tratamento dos pacientes infectados pelo HIV. Pode-se depreender, segundo os estudos analisados, que os profissionais acreditam que ainda exista muito preconceito em torno da temática mas não reconhecem que sejam preconceituosos, o que torna ainda mais difícil desmistificar a onda de informações disseminadas. (ZAMBENEDETTI e BOTH, 2013; EW et al., 2018)

Apesar dos avanços obtidos nos últimos anos na prevenção e tratamento da AIDS - como por exemplo o dia mundial de conscientização, testagem gratuita e distribuição de medicamento pelo SUS - o acesso aos serviços de saúde ainda é desfavorável no que tange o cenário da saúde pública no Brasil. Um dos fatores que se apresenta como uma barreira no acesso é o receio do paciente se deparar com uma postura profissional carregada de preconceito e atendimento discriminatório. Sendo assim, um desafio para a saúde nacional é a melhoria no atendimento, qualificação profissional e acadêmica. De acordo com a literatura, faz-se importante a construção de políticas públicas de saúde por meio da integralização do indivíduo com HIV, de forma que ocorra a efetivação do acesso ao SUS. O processo de cuidado em saúde da população HIV não deve se limitar ao tratamento terapêutico na redução de CD4, mas deve abranger desde o apoio psicológico até mecanismos que envolvam a promoção da qualidade de vida, levando em consideração a diversidade e experiências do indivíduo (VILARRINHO et al., 2013).

Podemos observar que a assistência em saúde ao HIV por parte dos profissionais de saúde passou por mudanças no seu perfil. Embora ainda seja realidade o preconceito em torno da temática, historicamente, a doença já ocupou um cenário de tremendo horror, carregado de superstições, informações infundadas e até mesmo a falta de conhecimento, resultando em exclusão de grupos sociais como gays, usuários de drogas e profissionais do sexo. Contudo, como os dados analisados

indicam, ainda se faz necessário mudanças no contexto da formação acadêmica de nível técnico e superior, proporcionando aos profissionais da saúde uma perspectiva mais ampliada sobre o processo saúde e doença, particularmente no que se refere a doenças carregadas de estigma e preconceito como a AIDS.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada na confecção do presente estudo, que teve por objetivo identificar o conhecimento que os profissionais da saúde que atuam na atenção primária à saúde possuem sobre o HIV/Aids, demonstrou a escassez científica acerca da temática proposta. Levando em consideração o intervalo de 10 anos, identifica ainda que a produção literária não vem obtendo aumento significativo. Outro ponto a ser levantado é que apenas um artigo não identifica relação direta entre postura profissional e continuidade do tratamento, enfatizando a importância da abordagem profissional perante as ações positivas de adesão e busca pela terapêutica adequada.

A partir da análise da literatura, é relevante destacar que se tem a consciência de que o estigma e preconceito são presentes no ambiente público de saúde; contudo, poucos trabalhos discutem os mecanismos que visem a melhoria desse cenário. Salienta-se, portanto, a importância da formação acadêmica voltada para exploração das subjetividades dos pacientes bem como aguçar o senso crítico destes alunos para que possam pensar em meios de avanços nos serviços prestados.

No âmbito das políticas públicas, é evidente a necessidade de investimento na capacitação dos profissionais, não somente nos centros de serviços especializados, mas de todos os agentes de saúde pública. Somente com a capacitação de todos é possível oferecer o atendimento integral e humanizado, voltado para atender as necessidades individuais dos pacientes. É preciso o comprometimento dos profissionais da saúde na oferta de serviços de qualidade, particularmente para os grupos sociais mais vulneráveis.

Levando em consideração os artigos incluídos no estudo, é inegável que houve avanços importantes como a testagem gratuita disponibilidade no SUS assim como também a oferta de medicamentos pré e pós exposição. Porém, o processo de desmistificação de estigmas é uma lacuna na informação extremamente atual, o que dificulta o acesso aos serviços de saúde. Tendo em vista os argumentos apresentados, uma forma de minimizar o preconceito em relação ao HIV seria a discussão em ambientes escolares e de cursos técnicos/superiores em relação às formas de contágio, que é o aspecto de maior estigma no levantamento desta temática, assim como os fatores psicossociais envolvidos nos pacientes que convivem com a doença.

O desenvolvimento do presente estudo, possibilitou identificar os limites dos serviços públicos em relação ao HIV, as lacunas no processo de qualificação dos profissionais e permitiu evidenciar os pontos que devem receber atenção das políticas públicas. Desta forma, mesmo diante das dificuldades encontradas para a elaboração desta revisão bibliográfica, acredito que tenha se evidenciado a importância de darmos atenção para este assunto, pouco explorado e que deve contribuir para a qualidade do atendimento e serviço prestado em favor da população HIV.

ARTIGOS UTILIZADOS NA EXTRAÇÃO DE DADOS

1. A via que facilita é a mesma que dificulta": estigma e atenção em HIV-Aids na estratégia saúde da família - ESF

ZAMBENEDETTI, G.; BOTH, N. S. A via que facilita é a mesma que dificulta": estigma e atenção em HIV-Aids na estratégia saúde da família – ESF. **Revista de Psicologia [online]**, v. 25, n. 1, p. 41-58, abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922013000100004>. Acesso em 29 abr. 2022.

2. Cuidado de pessoas vivendo com HIV na atenção primária à saúde: reconfigurações na rede de atenção à saúde?

MELO, E. A. et al. Cuidado de pessoas vivendo com HIV na atenção primária à saúde: reconfigurações na rede de atenção à saúde?. **Cad. Saúde Pública**, v. 37, n. 12, p. e00344120, dez. 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311X00344120> Acesso em: 30 abr.2022.

3. Cuidado para pessoas com HIV/AIDS sob a ótica de agentes comunitários de saúde

GARBIN, C. A. S. et al. Cuidado para pessoas com HIV/AIDS sob a ótica de agentes comunitários de saúde. **Trabalho, Educação e Saúde [online]**, v. 17, n. 1, p. e0018508, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00185>. Acesso em: 2 mai.2022.

4. Despertar das políticas públicas de combate à AIDS na perspectiva de profissionais de saúde

ANGELIM, R.C.M. et al. Despertar das políticas públicas de combate à AIDS na perspectiva de profissionais de saúde. **Rev. pesqui. cuid. fundam. (Online)**, v. 10, n. 4, p. 913-918, out.-dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2018.v10i4.913-918>. Acesso em: 2 mai. 2022.

5. Em tempos de Aids: representações sócias e memórias de profissionais de saúde do centro de testagem e aconselhamento (CTA) de Belém

MARINELLI, N.P. et al. Em tempos de Aids: representações sócias e memórias de profissionais de saúde do centro de testagem e aconselhamento (CTA) de Belém. **Revista Univap**, v. 20, n.35, p. 24–34. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.166>. Acesso em: 2 mai. 2022.

6. Estigma e teste rápido na atenção básica: percepção de usuários e profissionais

EW, R.A.S. et al. Estigma e teste rápido na atenção básica: percepção de usuários e profissionais. **Rev Bras Promoç Saúde**, v.31 n.3, p.1-11, jul-set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5020/18061230.2018.7463>. Acesso em: 3 mai.2022.

7. Percepção da Aids pelos profissionais da saúde que vivenciaram a epidemia durante o cuidado prestado às pessoas com a doença, em Florianópolis (SC), Brasil (1986-2006)

VILLARINHO, M. V.; PADILHA, M. I. Percepção da Aids pelos profissionais da saúde que vivenciaram a epidemia durante o cuidado prestado às pessoas com a doença, em Florianópolis (SC), Brasil (1986-2006). **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v.

19, n. 6, p. 1951-1960, jun. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014196.08102013>. Acesso em: 4 mai.2022.

8. Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado

TAQUETTE, S.R. et al. Percepção de pacientes com AIDS diagnosticada na adolescência sobre o aconselhamento pré e pós-teste HIV realizado. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**, v. 22, n. 1, p. 23-30. jan. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.23532015>. Acesso em: 4 mai. 2022.

9. Percepção dos enfermeiros acerca do processo de descentralização do atendimento ao HIV/Aids: testagem rápida

LIMA, M.C.L. et al. Percepção dos enfermeiros acerca do processo de descentralização do atendimento ao HIV/Aids: testagem rápida. **Escola Anna Nery [online]**. 2021, v. 25, n. 4, p. e20200428. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0428>. Acesso em: 5 mai.2022.

10. Prática de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis, HIV e aids, realizada por profissionais da atenção primária à saúde de Montes Claros, Minas Gerais, 2015-2016

BARBOSA, T.L.A. et al. Prática de aconselhamento em infecções sexualmente transmissíveis, HIV e aids, realizada por profissionais da atenção primária à saúde de Montes Claros, Minas Gerais, 2015-2016. **Epidemiol. Serv. Saúde [online]**, v. 29, n. 1, p. e2018478. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5123/S1679-49742020000100015>. Acesso em: 5 mai.2022.

11. Qualidade da atenção à saúde de portadores de HIV: opinião de profissionais de saúde

SILVA, R. A. R. et al. Qualidade da atenção à saúde de portadores de HIV: opinião de profissionais de saúde Quality of health care for HIV patients: health professionals' view. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 8, n. 4, p. 5068–5073, 2016. Disponível em: 10.9789/2175-5361.2016.v8i4.5068-5073. Acesso em: 6 mai. 2022.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Guia de Vigilância em Saúde: volume único [recurso eletrônico]**. 3ed. Brasília: MS, 2019. Disponível em: <http://www.Aids.gov.br/pt-br/gestores/vigilancia-epidemiologica>. Acesso em: 04 jan. 2022.
- BRASIL, Ministério da Saúde (MS). **5 passos para a implementação do Manejo da Infecção pelo HIV na Atenção Básica**. Brasília: MS, 2017. Disponível em: <http://www.Aids.gov.br/pt-br/pub/2014/5-passos-para-implementacao-do-manejo-da-infeccao-pelo-hiv-na-atencao-basica>. Acesso em: 12 jan. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde (MS). **Boletim Epidemiológico de HIV/Aids**, número especial, dez. 2021 Disponível em: <http://www.Aids.gov.br/pt-br/pub/2021/boletim-epidemiologico-hivAids-2021>. Acesso em: 14 jan. 2022.
- CASTOLDI, L. et al. Profilaxia pós exposição ao HIV em populações vulneráveis: estudo longitudinal retrospectivo em um ambulatório da rede pública do Rio Grande do Sul, 2015-2018. **Epidemiol Serv Saude**, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000200017>. Acesso em: 13 jan. 2022.
- CANCIAN, N.R. et al. Importância da atenção multidisciplinar para resgatar o paciente com HIV/AIDS apresentando baixa adesão à terapia antirretroviral. **Rev. de Atenção à Saúde**, v. 13, n. 45, p. 55-60, jul-set. 2015. Disponível em: 10.13037/rbcs.vol13n45.2910 Acesso em: 15 mai. 2022
- CASARIN, S.T. et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do *Journal of Nursing and Health*. **J. nurs. Health**, v. 10 n. esp.e20104031. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15210/jonah.v10i5.19924>. Acesso em: 28 dez. 2021.
- FERNANDES, C.R.D.; BRITTO, I. A. G.S. Atuação médica frente ao paciente portador de HIV no contexto ambulatorial. **Rev. bras. ter. comport. Cogn.** São Paulo, v. 7, n. 2, p. 205-218, dez. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 08 jan. 2022.
- LOBO, A. S.; LEAL, M.A.F. A revelação do diagnóstico de HIV/Aids e seus impactos psicossociais. **Revista Psicologia, Diversidade e Saúde**, v. 9, n.2, p.174-189. 2020 Disponível em: <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v9i2.2833> Acesso em 17 mai. 2022.
- RODRIGUES, M. e MAKSUD, I. Abandono de tratamento: itinerários terapêuticos de pacientes com HIV/Aids. **Saúde em Debate [online]**, v. 41, n. 113, p. 526-538. apr-jun. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201711314>. Acesso em: 15 mai. 2022.
- OLIVEIRA, M.A.C.; PEREIRA, I.C. Atributos essenciais da Atenção Primária e a Estratégia Saúde da Família. **Revista Brasileira de Enfermagem [online]**, v. 66, n.

esp, p. 158-164, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000700020>. Acesso em: 06 jan.2022.

SADALA, M.L.A.; MARQUES, S.A. Vinte anos de assistência a pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil: a perspectiva de profissionais da saúde. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.22 n.11, p.2369-2378, nov. 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006001100011> Acesso em: 06 jan.2022.

SANTOS, A.P.; BRAIDE, A.S.G.; SILVA, P.G.B.; MENDES, I.C.; VIANA, M.C.C.; CALDAS, J.M.P. Fatores associados à qualidade de vida de pessoas com hiv/Aids. **Cadernos ESP - Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, v. 13, n. 1, p. 27–36, 2019. Disponível em: [//cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/166](http://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/166). Acesso em: 15 jan. 2022.

SILVA, C.G.S. **Psicologia ciência e profissão**, v. 27 n.1, p.156-163. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932007000100013> Acesso em: 11 jan. 2022.

VIEIRA, A.S. Profissionais da SAE e as estratégias utilizadas no manejo ao paciente HIV/AIDS. *Braz. J. Hea. Rev*, Curitiba, v. 3, n. 3, p 5459-5468, may-jun. 2020. Disponível: <https://doi.org/10.34119/bjhrv3n3-118> Acesso em: 18 fev.2022.

VILARRINHO, M.V. et al. Políticas públicas de saúde face à epidemia da AIDS e a assistência às pessoas com a doença. **Rev Bras Enferm**, Brasília, v. 66, n. 2, p. 271-277, mar-abr. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672013000200018> Acesso em: 05 jan. 2022.

ZUCCHI, E.M. et al. Da evidência à ação: desafios do Sistema Único de Saúde para ofertar a profilaxia pré-exposição sexual (PrEP) ao HIV às pessoas em maior vulnerabilidade. **Cadernos de Saúde Pública [online]**, v. 34, n. 7, p. e00206617. jul .2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00206617> Acesso em: 15 jan. 2022.

MINI-CURRÍCULO

Possui graduação em Odontologia pela Universidade Nilton Lins- AM (2021).

Pós graduanda em Endodontia pela Ceproeducar (2022-2024).

Possui capacitação em Cirurgia Oral Menor pela Ceproeducar (2021).

Atualmente trabalha em instituição privada na área de Clínica Geral com ênfase em tratamento endodôntico.